

● EXPOSIÇÃO MUNICIPAL DE ARQUITECTURA — SESIMBRA Projectos de Vitor Mestre

ODOS os dias se confirma um pouco mais: a Arquitectura está a tornar-se uma questão popular em Portugal.

A ponto de justificar já uma exposição municipal.

Pudemos vê-la em Sesimbra, integrada na parte respeitante ao Alentejo da Exposição Nacional de Arquitectura que, inaugurada em Lisboa no início do ano passado por iniciativa da Associação de Arquitectos, tem sido levada, por inteiro ou parcialmente, a várias localidades do país.

A exposição municipal mostrava obras de arquitectos que trabalham para as Câmaras integradas na Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal — com destaque para a de Sesimbra. A imagem arquitectónica e urbanística que a península de Setúbal desperta de imediato é a do caos. A «Margem Sul» desespera (1).

Mas no quadro de desordem, pobreza de ideias, elementalidade construtiva e vulgaridade de materiais reinantes na área, a exposição de Sesimbra, partindo do princípio de que não são viáveis por motivos de vária ordem alterações radicais desse «status quo», ganhou o sentido de mostrar uma outra solução possível: a que assenta em alguns projectos apontados à criação de objectos exemplares.

A convivência (necessariamente conflituosa) entre um objecto de arquitectura tratado com cuidado e uma zona envolvente «devastada» pode criar para esta um pólo ordenador ou inspirador.

São de destacar, deste ponto de vista e de entre projectos interessantes mostrados em Sesimbra, os desenhos de Vitor Mestre e os de Cândido Chua Gomes e João Lucas Dias para pequenos edifícios de equipamento de jardim e sanitários encomendados pela Câmara da Moita.

Arquitectura efémera

Estes edifícios «pontuais»

Numa área urbana onde reina o caos e a vulgaridade das construções, a Margem Sul, uma exposição aponta como solução projectos apontados à criação de objectos exemplares

arquitectura

Objectos exemplares e efémeros

João Vieira Caldas
e
Paulo Vieira Gomes

agem, independentemente dos seus fins práticos, como monumentos — referências simbólicas que dotam de um outro sentido a área em que se inserem, criando as novas coordenadas reais, e especialmente imaginárias.

Um episódio sucedido recentemente em Sesimbra atesta as potencialidades de intervenções arquitectónicas deste tipo: foi erguido na praça frente à Câmara Municipal um modelo em madeira do velho pelourinho da vila, trabalhado por Vitor Mestre na perspectiva da sua reconstrução a partir dos bocados que restam enfiados em acrílico. Este modelo de arquitectura efémera (que se espera ver transformado em monumento permanente) tornou-se objecto de discussão entre os sesimbrenses. Agora retirado temporariamente, provou que a arquitectura pode tornar a forma uma questão essencial da vida de uma comunidade — contribuindo para pôr fim ao miserabilismo de quem pensa que para as «populações» apenas problemas «práticos» importam.

Contudo, o objecto exemplar só pode desempenhar o seu papel em determinadas condições: ao distinguir-se categoricamente do que o rodeia, ao ser portador de indicações claras e generalizantes quanto a outras maneiras de resolver os problemas arquitectónicos. Quando, no início do séc. XV, Filippo Brunelleschi, «inventor» da arquitectura classicista, ergueu objectos renovadores no tecido urbano medieval de Florença,

tudo o significado arquitectónico da cidade se transformou. Porque esses objectos transportavam consigo o impulso da sua qualidade intrínseca e da nova cultura em que se integravam.

Ascender ao plano

No meio da deprimente desordem e confusão que reinam na «Margem Sul», só objectos muito fortes se conseguirão impor: seja pela sua absoluta diferença, pelo modo, inesperado, como os volumes surgem no terreno, pela complexidade, e engenhosidade das formas, pela alegria deliberada da decoração; ou pela subtilidade com que é reordenada e enriquecida uma área — demonstrando como, com os mesmos recursos, se pode modificar completamente as aparências das coisas.

É a propósito desta exemplaridade dos objectos de arquitectura que se torna necessário destacar os desenhos de Vitor Mestre. A começar por aqueles que deveriam presidir à construção de objectos efémeros: o pelourinho e um pavilhão para a esplanada do Forte de Sesimbra se acaso a Exposição Municipal lá se tivesse realizado como se previa; tratava-se, neste caso, de um cubo inclinado sobre o seu eixo diagonal e atravessado por um outro volume que lhe rompia as paredes laterais — tudo isto em lona e ferro.

Ora, a arquitectura efémera foi desde sempre uma área fundamental de experimentação e exemplaridade arquitectónicas. No efémero a

arquitectura pode libertar-se das necessidades funcionais e ascender ao plano da forma em estado puro; aí pode ser negado (e não apenas negado, ou seja, afirmado apesar da negação) o compromisso maior a que a arquitectura tem de se submeter: o da sua utilidade. Por isso, foi a arquitectura efémera, desde o Renascimento, e a Idade Clássica, o primeiro recurso formal da Festa urbana, conjunto de objectos que, se dão apenas na sua exuberância, e a legibilidade para uma determinada cultura.

Na época moderna, desperdiçaram-se, em favor da imagem, movente do cinema ou do vídeo, as potencialidades da arquitectura efémera. Mas que esta surja ainda nos lugares um pouco «deslocalizados» de certas festas ou exposições e submetida ao não-tempo das intensidades festivas, é sinal de que continua a ser possível experimentar formas de um modo não passivo ou especular — antes espectacular.

Projectos engenhosos

Os outros projectos de Vitor Mestre expostos em Sesimbra ligam-se a uma certa ideia do barroco (estilo que, nos séculos XVII e XVIII derivou muito essencialmente da experimentação efémera); ou melhor, procedem do barroquismo.

A primeira vista pareceria que não há barroquismo algum na completa ausência de decoração destes alçados e volumes: planos puros que se intersectam, grandes lajes de betão apontadas ao céu e à

paisagem, vidraças rectas, constantes referências a estilos das primeiras décadas deste século na sua procura de uma essencialidade qualquer da forma. Mas, observados em planta, os projectos de Vitor Mestre são profundamente engenhosos. O essencial dá então lugar ao luxo.

O edifício da recepção do parque de campismo da zona poente de Sesimbra, apresentado em projecto, será um conjunto de grandes lajes e pequenas bases que suscita a ideia de uma estação de serviço dos anos 50. O projecto de uma construção polivalente para o mesmo parque, a colocar sobre a encosta como um templo grego, organiza-se, no entanto, como um templo egípcio com tetos que vão baixando à medida que os pavimentos sobem, entrando o ar e a luz pelos desníveis assim criados.

Todas as continuidades e enfiamentos são interrompidos por curvas e diagonais, as áreas articulam-se, umas com as outras, sem que essa articulação seja mecânica.

Ao contrário das arquitecturas «clássicas», que seduzem o espírito e o corpo pelo seu equilíbrio e tranquilidade, estes edifícios desequilibram, apreciações serenas. A sua área de acção é mais o entusiasmo do que o reconhecimento íntimo. Na forma desenhada para a esplanada do Forte, o arquitecto pegou num volume «essencial», o cubo — desde sempre, com a esfera, símbolos de um equilíbrio dito «principal» na Arquitectura — e imprimiu-lhe uma torção que o põe a

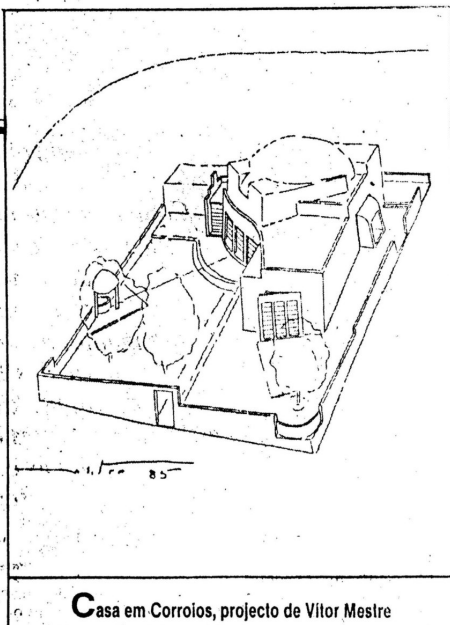
um passo da dissonância.

Colocados em «enfiamientos» perspetivos e monumentais de Sesimbra (entre o mar, a serra, a vila e o castelo), os objectos projectados serão o culminar de percursos assinalados com pequenos «monumentos» todos diferentes — «vias sacras», diz o arquitecto, agora numa referência explícita e consciente às lições urbanísticas do barroco.

Se só a arquitectura inspirada por Causas mais ou menos transcendentais pode hoje ser propriamente ainda barroca, o barroquismo das plantas e das volumetrias dos objectos desenhados por Vitor Mestre está aí para demonstrar que, contrariamente ao que por vezes se diz, a arquitectura não morreu enquanto trabalho artístico — isto é, enquanto imposição de uma ordem espiritual à forma.

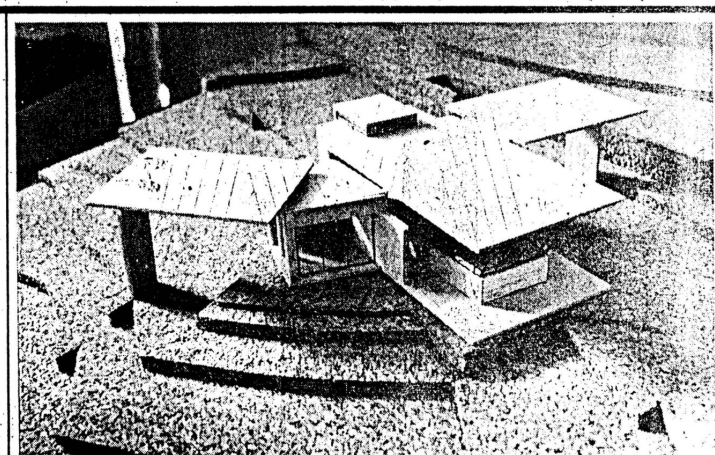
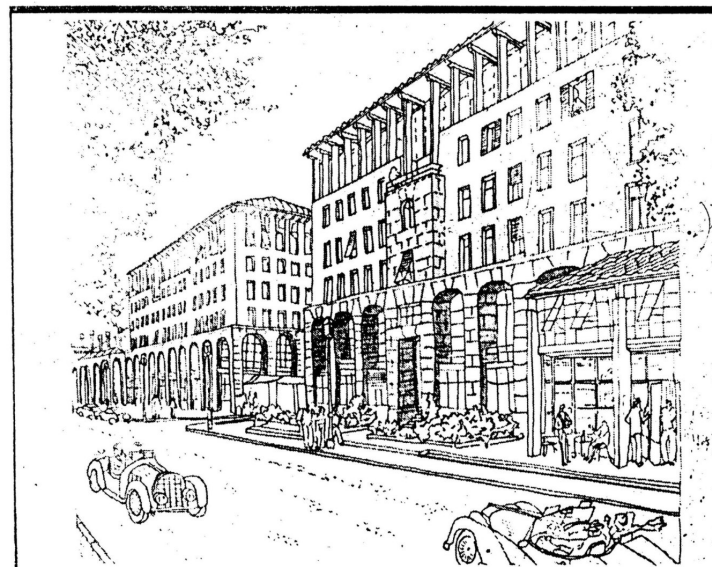
Essa ordem tem, nos nossos dias, a necessária marca do que é efémero. Haverá hoje «exemplaridades» que o não sejam?

(1) A mais relevante proposta de carácter geral mostrada em Sesimbra é a do Plano Caramuja/Romeira para a Cova da Piedade, dos arquitectos M. Baeta Neves e J. P. Sacramento Lourenço; intervindo numa área tradicionalmente construída e não em zona de clandestinos e desastre urbanístico, o projecto demonstra uma vontade de recuperação e acentuação de valores urbanos, recuperando quarteirões e ruas, estabelecendo relações com o rio — num estilo marcado pela influência «classicista» de Leon Krier, muito rara entre nós.



Casa em Corroios, projecto de Vitor Mestre

Foto: António Pinto Ferreira



Plano Caramuja/Romeira, Cova da Piedade, de M. Baeta Neves e J. P. Sacramento Lourenço: acentuação dos valores urbanos. Maquete para o Parque de Campismo em Sesimbra, de Vitor Mestre